



Artigos



A recepção de Jacques Derrida no Brasil

Eneida Maria de Souza*

Resumo

Este ensaio tem como objetivo realizar uma breve apresentação da recepção da obra de Jacques Derrida no Brasil, principalmente na área de Literatura Comparada e da Crítica Cultural. A contribuição teórica do filósofo se concentra na apropriação de conceitos, na leitura ampliada, pela crítica, dos princípios filosóficos, tais como os de entre-lugar (Silviano Santiago), desconstrução, descentramento, origem, estruturalismo e pós-estruturalismo.

Palavras-chave: Jacques Derrida; Silviano Santiago; Desconstrução; Entre-lugar; Pós-estruturalismo.

A recepção da obra de Jacques Derrida no Brasil, referente ao período da primeira tradução brasileira de *A escritura e a diferença*, editada pela Perspectiva em 1971, até hoje, tem sido de muito proveito para o avanço dos estudos de crítica literária e

* Professora Visitante na Universidade Federal de Juiz de Fora.

cultural, de literatura comparada, crítica psicanalítica e outras disciplinas da área. Embora a tradução desse livro tenha sido iniciativa de uma editora paulista, é nas universidades do Rio de Janeiro que se processa uma das primeiras divulgações do pensamento de Derrida entre nós, principalmente através do curso de pós-graduação em Letras da PUC/Rio. O nível avançado desse curso possibilitou a abertura para a crítica estruturalista, para um novo tratamento do texto literário e para a redefinição de procedimentos analíticos relativos à leitura desconstrutora e formalista. Nesse empenho, a prática estilística e o método parafrásico de leitura cedem lugar para a abordagem rigorosa do texto, com base nas noções de ruptura, corte e construção.

A produção de saberes, resultado do rompimento da relação naturalista e horizontal com a realidade empírica, a redefinição da linguagem como representação, por se caracterizar pelo estatuto simbólico e por obedecer a regras convencionais ou a construção de conceitos como produto do distanciamento com o real são as lições mais relevantes da teoria estruturalista. A formalização dos dados empíricos e a preocupação com o fazer literário e discursivo constituem as maiores transformações operadas por essa leitura. Aqueles que acreditam ainda que a crítica literária é apenas uma atividade apaixonada, nutrindo o culto da proximidade com o objeto como condição de conhecimento, se incluem na vertente analítica duramente criticada pela leitura estruturalista: a descrição, a paráfrase e a ênfase no valor conteudístico e temático da obra. Discussões teóricas voltadas para o estatuto do sujeito, do não-lugar do inconsciente, da arbitrariedade do signo, do apagamento da noção de origem, da ruptura que a linguagem opera no real, do discurso da alteridade, fizeram e ainda fazem a cabeça dos filhos legítimos do estruturalismo,- ou do pós-estruturalismo - dos órfãos ou dos bastardos de um movimento considerado por muitos como reflexo de modismos.

Ao lado de Lévi-Strauss, Michel Foucault, Roland Barthes, Julia Kristeva, Gilles Deleuze, entre outros teóricos franceses, o filósofo participa do momento estruturalista que se iniciava no Brasil, por meio dos conceitos de descentramento e de desconstrução da filosofia ocidental. Lévi-Strauss, com a crítica ao etnocentrismo, discutia a dicotomia natureza/cultura, civilizado/primitivo, contra a leitura positivista até então realizada; Michel Foucault, com *As palavras e as coisas*, alertava para o descentramento da episteme ocidental, abrindo o volume com a análise do conto de Borges sobre a "Enciclopédia chinesa", reveladora de uma ordem que negava os parâmetros ocidentais, instaurando distinta e estranha classificação. O que se constatava era a retomada de princípios modernos, instaurados desde a revolução operada pela literatura, com Rimbaud e seus contemporâneos, e pela psicanálise, com Freud, princípios estes centrados na descoberta do outro, seja ele o oriental, o indígena ou o louco. O estruturalismo se vale dessas descobertas, dando prosseguimento à aventura do conhecimento científico, pela desvinculação com os saberes sedimentados pelo pensamento europeu.

É interessante assinalar que no momento de recepção das teorias desses autores - lidos ao mesmo tempo e de forma também tardia - não se cogitava se alguns dentre eles já estavam se situando na vertente pós-estruturalista, como podemos hoje perceber, pela atuação de Derrida, Deleuze, Foucault. Estes se integravam, de forma indistinta, à corrente que chegava com toda força no meio universitário. Sabíamos que Derrida, em *A escritura e a diferença*, desmontava o conceito de estrutura como fechamento e

imobilidade, ao pregar a estruturalidade da estrutura, o jogo, o movimento, a história e o paradoxo. Apega-se mais às falhas, aos maus funcionamentos, às rasuras do que às regularidades ou às suas invariantes, como assim se expressa François Dosse, autor de *História do estruturalismo*: “A estrutura reduz-se assim ao jogo incessante das diferenças, e o pensamento entra na vertigem abissal de uma escritura que rompe os diques, derruba as fronteiras disciplinares, para chegar à criação pura, a do escritor; ela se realiza principalmente na figura do poeta.” (DOSSE, 1994, p. 38.)

A orientação para que se ampliassem as fronteiras entre literatura e filosofia contribuiu ainda para que Derrida e seus contemporâneos, como Deleuze e Foucault, fossem mais lidos e bem recebidos pelas Faculdades de Letras do que pelas de Filosofia. Valendo-se ainda dos novos modelos criados pela psicanálise, a lingüística e a etnologia, o filósofo desconstrói os próprios modelos filosóficos, pela releitura das margens, pela desconfiança em relação a tudo que reiterava o predomínio das idéias pré-concebidas e estereotipadas. Inaugura-se, portanto, a estratégia desconstrutiva, em que se articula, simultaneamente, nova leitura e nova escrita filosófica, ruptura com o saber acadêmico e retomada subversiva dos parâmetros constituintes desses saberes. A preocupação com a linguagem, a textualidade, a escrita, os protocolos de enunciação, a questão da origem, colocou o filósofo ao lado da crítica literária estruturalista, embora estivesse, paradoxalmente, a ela se vinculando e dela se afastando.

A crítica literária praticada pelos semiólogos franceses rompia com as noções de autoria, de contexto, fixando-se muito mais na análise minuciosa e detalhada do texto, embora estivessem ampliando o seu conceito, por não mais circunscrevê-lo ao literário. Exemplos dessa prática se encontram na primeira fase da crítica de Barthes, representada pelo ensaio “A análise estrutural da narrativa”, ou nos artigos de Claude Bremond, Gerard Genette, J. Greimas, Roman Jakobson, este como membro da corrente formalista russa, precursora dos princípios teóricos e metodológicos endossados pelo estruturalismo. A posição de Derrida nesse momento escapa dos critérios cientificistas que pautaram o alto estruturalismo, com seu raciocínio binário, opondo significante e significado, natureza e cultura, sensível/inteligível, ao optar pelo raciocínio paradoxal, como assim se manifesta em outro ensaio bastante discutido na época, *A farmácia de Platão*, traduzido no Brasil apenas na década de 1980. Questiona também as proposições fonológicas e logocêntricas da obra de Saussure e de L. Strauss, por privilegiarem a fala em detrimento da letra, ou seja, por ignorar a existência de uma escrita anterior à fala. Iniciava-se o momento de recepção da crítica estruturalista e pós-estruturalista no país, com a presença desses teóricos cujo legado intelectual é até hoje considerado válido por um número considerável de adeptos.

Procurarei, em seguida, recordar de alguns itens relevantes para o entendimento da recepção brasileira de Derrida no âmbito da crítica literária, da literatura comparada e dos estudos culturais. Mesmo antes da retomada da crítica comparada no Brasil, com o início dos cursos de pós-graduação nessa disciplina em algumas universidades brasileiras, como a UFMG, a UFRGS, UFF, UERJ, Silvano Santiago subverte as antigas antinomias e hierarquias próprias do discurso colonizado e ocidental, propondo, no ensaio “O entre-lugar do discurso latino-americano”, a reflexão sobre a dependência cultural. Para tal empresa, irá se valer do pensamento crítico da filosofia francesa e do papel exercido por Borges, desconstrutor de origens e de modelos retirados da literatura

mundial. Conceitos como fonte e influência, original e cópia, localismo e universalismo, deixam de ser interpretados segundo critérios positivistas e se inscrevem sob o signo da contradição e do paradoxo, desfazendo-se a rigidez das oposições. No caso da concepção do “entre-lugar”, (SANTIAGO, 1978) não se trata de uma abstração filosófica “fora do lugar”, mas de uma posição que visa representar a cultura brasileira *entre outras*, retirando novos objetos teóricos das obras ensaísticas e ficcionais. A importância desse texto para a polêmica nacional em torno da dependência reside na relação estreita que o conceito mantém com as teorias modernistas, como a antropofagia oswaldiana e a “traição da memória” de Mário de Andrade, introdutores do diálogo transcultural de modo a transformar o atraso e o subdesenvolvimento nacionais em resposta eufórica e positiva, pela assimilação “sábia e poética” de algumas conquistas modernas. Nesse sentido, a prática transcultural é vista através de um diálogo alegre, sem o peso do descompasso e do mal-estar, embora certo de que a relação aí existente não se resolve pela “dialética positiva”, sem conflitos e de natureza “ufanista”, como assim foram interpretados, por Schwarz, a “poesia pau-brasil” e o tropicalismo.

Roberto Schwarz, em artigo de 1987 (“Nacional por subtração”), reacende a polêmica entre o seu pensamento teórico e o de Santiago e Haroldo de Campos – um dos teóricos que também se apropriaram dos conceitos presentes na teoria estruturalista e do pensamento de Derrida – ao se posicionar de forma distinta quanto às redefinições dos conceitos de nacionalidade e de dependência. Os artigos escolhidos para confronto são o de Santiago, acima citado, e o de Campos, “Da razão antropofágica: diálogo e diferença na cultura brasileira” (1983). Em ambos, a retomada da antropofagia como conceito operatório, por se revelar ainda eficaz no processo de desconstrução das culturas estrangeiras, coloca a literatura nacional em posição de igualdade na concorrência com a estrangeira, pela confiança no aspecto positivo e alegre da transculturação. Aproximam-se, também, pelo tratamento desconstrutor conferido às noções filosóficas de original, cópia e simulacro, invertendo-se o processo causal de interpretação do discurso histórico, herança cara à filosofia de Derrida: “Subitamente, pois, se coloca como ponto focal de discussão a questão da *origem* – problema por excelência nietzschiano e que nosso século, com os parênteses fenomenológicos existencialistas, mais as análises estruturalistas, tinham esquecido, relegando-o para segundo plano, ou simplesmente traduzindo-o (erroneamente) por “começo” (SANTIAGO, 1978, p. 204).

Leituras desconstrutoras têm o mérito de deslocar saberes consolidados, de se entregar à prática do jogo ambivalente dos conceitos e de optar pelo excesso produzido pelo olhar suplementar do ficcionista ou do ensaísta. Essa leitura exercitada por Silviano ao longo de sua trajetória intelectual é, portanto, tributária da teoria da desconstrução de Derrida, que consiste no duplo gesto de denunciar, em determinado texto, tanto o que ele diz, assim como o que, sob o olhar do presente, foi dissimulado e recalçado. Transgredir é o gesto herdado por excelência, invenção, o esforço do leitor na criação do texto que desconfia das origens e acredita na repetição como sinal de diferença e resistência. Cabe ao leitor de cada época reinventar tradições, romper com a cômada atitude do senso comum, atitude que reproduz mimeticamente o discurso alheio. (Um dos primeiros livros publicados no Brasil e dedicados à definição dos conceitos operacionais da teoria do filósofo – *Glossário de Derrida*- foi realizado por Silviano e

um grupo de alunos, como parte das atividades no curso de pós-graduação na PUC/Rio, em 1976)

Em sua análise de *Iracema*, publicada na mesma ocasião, irá se valer do artigo “A farmácia de Platão”, pela utilização do pensamento paradoxal que rege o sentido de *phármakon*, ou seja, referindo-se tanto a remédio quanto a veneno. Silviano questiona o discurso de fundação do romantismo brasileiro, apontando as possíveis leituras transgressoras do cânone literário, ao introduzir a interpretação da figura do autor no prefácio, ocupando o lugar do pai do discurso e do guardião da escrita. Emprega o conceito derridiano, via Platão, de parricídio, com vistas a ampliar o debate sobre dependência cultural, e como arma para que a literatura brasileira pudesse se desvincular da prisão aos modelos europeus. O estudo é também enriquecido pela minúcia com que define o simbolismo contido nas personagens, nos rituais indígenas, marcado pelo paradoxo e pelo jogo ambíguo criado na relação entre pai e filho, país de origem e o continente europeu, e a figura do índio em confronto com a do português. A articulação entre a teoria derridiana e a construção de um pensamento da dependência latino-americana já se fazia notar no ensaio “Análise e interpretação”, publicado em 1978, mas já disseminado em salas de aula desde o princípio da década de 1970: “Descentrando, pois, a estrutura, deixando-se de pensar esta como ordenada por um “significado transcendental”, amplia-se indefinidamente o jogo de significação, na medida em que destituindo da condição de óptica estruturante os conceitos de princípio e de fim, passa o discurso *escrito* a se impor como estrutura solta, abandonada, desamparada, seja por parte do autor, como de qualquer outro elemento estranho à cadeia de significantes. (...) A partir do momento em que se postulou essas idéias, foi importante para Derrida a releitura crítica de *Fedro*, de Platão, texto onde se colocava de maneira clara a condição *assassina* da escritura. O “pai” do discurso se ausenta no momento em que escreve e sem a *presença* paterna o discurso escrito, como diz Sócrates a Lísia, “necessita sempre a ajuda de seu pai, uma vez que não é capaz de se defender e socorrer a si mesmo.” (SANTIAGO, 1978, p. 206-207).

Essa posição se revelou produtiva para a revisão da historiografia brasileira iniciada com os teóricos brasileiros nos anos de 1950, como Antonio Candido e Afrânio Coutinho, posição esta assumida por Haroldo de Campos no artigo “Da razão antropofágica: diálogo e diferença na cultura brasileira” (1983) e “O seqüestro do barroco”, de data posterior. As expressões usadas por Haroldo nos artigos remetem, ainda que de forma invertida, para o pensamento de Derrida, como aqueles relativos à tradução: “desmemória parricida”, “rasura da origem”, “obliteração do original”, dentre outras. (CAMPOS, 1981) A utilização de metáforas orgânicas – árvore, galho, arbusto – para a explicação de nossa dependência cultural, por Antonio Candido, ao definir a produção literária latino-americana como galho secundário da portuguesa, que, por sua vez, é arbusto de segunda ordem no jardim das Musas, justifica a linha de pensamento do crítico, pautada pela definição de origens e fundações da literatura brasileira. (CAMPOS, 1981, p. 37)

Essa afirmação obedece à razão crítica iluminista, que defende a ordem causalista e cronológica das influências, ficando estabelecida a necessidade de, por critérios naturalistas, o nosso vínculo com as literaturas européias torna-se placentário,

não constituindo, portanto, uma opção. A questão da formação da cultura brasileira passa pela noção de origem, entendida na sua verticalidade e hierarquia, por reforçar as imagens de raiz, de início e de fonte. Dessa rede semântica construída pelos conceitos elaborados por Derrida e incorporados à interpretação de Silviano, concebe-se a existência de uma relação sistêmica capaz de integrar os vários momentos de constituição da grande árvore genealógica da cultura nacional. Foram, portanto, de bom rendimento o emprego dos conceitos de *escritura*, como traço de presença e ausência do logos, mutilação do fantasma paterno e território de interditos e o de *interpretação*, pertencentes ao quadro conceitual de Derrida e Foucault e relidos por Silviano para a revisão de textos da literatura brasileira que problematizavam o tema da dependência cultural.

Resta ainda assinalar que as leituras de natureza estruturalista feitas pelos teóricos da década de 1970 no Brasil - e cito principalmente Affonso Romano de Sant'Anna, Costa Lima, Silviano Santiago e Haroldo de Campos - provocaram a diferença de abordagem dos textos nacionais, da releitura do modernismo brasileiro, da revisão da historiografia literária, da revolução na análise da linguagem da poesia e da narrativa, posição esta que se desvincula do pensamento uspiano, por muito tempo centrado na crítica sociológica e na criação de uma tradição nacionalista e fundacional de cultura.

É inegável que o avanço dos estudos de literatura comparada é tributário das iniciativas de ordem institucional, como a criação de cursos de pós-graduação e da Associação Brasileira de Literatura Comparada (Abralic), em 1988. À exceção da USP, os cursos de pós-graduação nessa disciplina foram criados na década de 1980, descortinando o campo interdisciplinar de forma até então inexistente, além de promover uma reflexão mais aprofundada das teorias importadas e de sua efetiva recepção. Curiosamente, os estudos culturais nos Estados Unidos vão surgir nessa época, como atesta George Yúdice em conferência proferida em Salvador durante o "Encontro de Literatura Comparada da ANPOLL", em 1997. O crítico assim se expressa: "Acredito que posso localizar com precisão o momento que surge esse tipo de reflexão teórica. Seria no final dos anos de 1970, e é detectável no primeiro número da revista *Social Text*. Essa revista nasceu da colaboração de duas figuras destacadas da esquerda acadêmica estadunidense: Fredric Jameson e Stanley Aronowitz. O primeiro tinha longa experiência com a teoria crítica, o marxismo francês e o pós-estruturalismo. O outro trabalhou dentro das filas dos movimentos sociais estadunidenses.(...) Com Jameson e Aronowitz e outros que já tinham assimilado o novo instrumental teórico, operou-se uma transformação epistemológica. Estética, mediação, ideologia, inconsciente e consumo constituíram uma sinergia crítica, como para os frankfurtianos, mas ainda com mais poder analítico, devido à introdução de novas perspectivas derivadas da categoria de gênero, provido pelo feminismo, e do suplemento, suprido pelo desconstrucionismo derridiano"(YÚDICE, 1997, p. 4).

Foram esses teóricos do pós-estruturalismo os responsáveis pela mudança de foco na reconstrução revolucionária do pensamento crítico latino-americano. A recente divulgação da obra de Homi Bhabha, Spivak, Stuart Hall, entre outros, "tradutores" da teoria pós-estruturalista francesa, servirá de referência para o aprimoramento de questões culturais e políticas debatidas no meio universitário e relacionadas aos diversos temas da atualidade: o feminismo, a dependência cultural, os conceitos de nação, naciona-

lismos e afins. Os estudos de tradução, vinculados à literatura comparada e à recepção desconstrutora dos modelos, receberam impulso graças às teorias de Benjamin, via Derrida, destacando-se os ensaios *L'oreille de l'autre, textes et débats avec Jacques Derrida*, de 1982, publicado pela editora MacDonald, de Montreal, e *Ottobiographies*, de 1988, entre outros.

O forte impacto exercido pela teoria desconstrutora de Derrida em trabalhos de pesquisa e em teses universitárias resultou na construção de vertentes críticas particulares, seja quanto aos estudos de textos memorialistas, autobiográficos e autoficcionais, seja pela ênfase na análise da escrita literária e nos jogos de linguagem. É forçoso assinalar o texto pioneiro de Wander Melo Miranda, *Corpos escritos*, no qual são desenvolvidos conceitos e Derrida sobre autobiografia e tradução, memória parricida, arquivo e escrita como traço e assinatura do sujeito. Essa posição crítica se encontrava em consonância com a obra analisada de Silviano, principalmente *Em liberdade*, ao ser comparada às *Memórias de cárcere*, de Graciliano Ramos (MIRANDA, 1992).

Nas décadas seguintes, com a retomada das pesquisas em arquivos, em crítica genética, crítica biográfica, memorialismo e autobiografia, seus textos foram cada vez mais sendo solicitados, não apenas no âmbito da literatura, mas ainda pela leitura psicanalítica, pelas artes plásticas, a arquitetura e pela própria filosofia, embora persista a recusa de muitos em conhecer e reconhecer a sua obra como relevante. Com a crise instaurada pela globalização, a importância de Derrida está sendo cada dia mais notada, por ter-se voltado, nos últimos escritos, para a questão política, discutindo problemas filosóficos ligados à ética, à religião, à migração e à diáspora, assim como aos demais temas de interesse cultural. Participa ativamente do debate político internacional, arregaça as mangas e morre em plena atividade intelectual.

Os mais recentes leitores de Derrida no Brasil, representados muito bem por Evando Nascimento, pesquisador e tradutor de sua obra, levam adiante um trabalho digno de ser considerado pela crítica literária atual. Operando nas áreas de tradução, de divulgação de seu pensamento por meio de colóquios e publicações individuais e coletivas, formando grupos de pesquisa e orientando estudantes de pós-graduação, esse grupo promove a revitalização do legado teórico de Derrida, por inseri-lo no debate contemporâneo das idéias. Da mesma forma os conceitos filosóficos de Deleuze e Foucault se encontram em perfeita consonância com as questões discutidas no momento, em virtude da releitura e reapropriação de seus postulados por áreas distintas. O aproveitamento da rede conceitual comum a esses autores, composta dos termos rizoma, territorialidade, desterritorialidade, literatura menor, acontecimento, práticas discursivas, arqueologia, biopolítica, dentre muitos outros, revela a necessidade de serem reelaborados segundo as circunstâncias atuais. A condição precária e móvel dos conceitos impede que a crítica os transforme em *mot de passe* e chave capaz de abrir todas as portas. O interesse atual pela obra de Derrida reflete ainda o desejo de se ter, pelo menos no espaço universitário, uma reflexão mais acentuada e vertical da teoria, assim como o desejo de que a sua escrita receba, por parte dos leitores contemporâneos e dos que virão, a sobrevida necessária para a sua atualização e vitalidade.

Abstract

The aim of this essay is to accomplish a brief presentation of the reception of Jacques Derrida's work in Brazil, mainly in the areas of Comparative Literature and Cultural Criticism. The philosopher's theoretical contribution is concentrated on the appropriation of concepts, on amplified reading, from the part of criticism, of philosophical principles such as those of in-betweenness (Silviano Santiago), deconstruction, dis-centerment, origin, structuralism, and post-structuralism.

Keywords: Jacques Derrida; Silviano Santiago; Deconstruction; In-betweenness; Post-structuralism.

Notas Explicativas

- ¹ O livro de Haroldo de Campos, *Morfologia de Macunaíma*, de 1972, resultado de sua tese de doutorado, teve como método de análise o formalismo de V. Propp, com incursões nas análises estruturalistas da crítica francesa.

Referências Bibliográficas

- ALENCAR, José de. *Iracema*. Romances para estudo. Notas e orientação didática por Silviano Santiago. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1975.
- CAMPOS, Haroldo de. *Deus e o diabo no Fausto de Goethe*. São Paulo: Perspectiva, 1981.
- DOSSE, François. *História do estruturalismo*. 2. O canto do cisne, de 1967 a nossos dias. Campinas: Editora Unicamp, 1994.
- MIRANDA, Wander Melo. *Corpos escritos*. Graciliano Ramos e Silviano Santiago. São Paulo: Edusp; Belo Horizonte: Editora UFMG, 1992.
- SANTIAGO, Silviano. O entre-lugar do discurso latino-americano. In: *Uma literatura nos trópicos*. São Paulo: Perspectiva, 1978.
- SANTIAGO, Silviano. Análise e interpretação. In: *Uma literatura nos trópicos*. São Paulo: Perspectiva, 1978.
- SANTIAGO, Silviano. (Supervisão). *Glossário de Derrida*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1976.
- YÚDICE, George. Debates atuais em torno dos estudos culturais nos Estados Unidos. Texto impresso. Set. 1997.